

O HERALDO

Anuncios, comunicados e assinaturas

SEMENARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

Redacção, Administração, Composição e Imprensa

PAGAMENTO ADEANTADO

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

TIPOGRAFIA DO HERALDO

ASSINATURAS { Semestre, 70 centavos (700 réis)
Numero avulso, 4 centavos (40 réis)

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Editor e Administrador—Lyster Franco

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

O PROBLEMA FEMININO E A GUERRA

Quando no principio da guerra dissemos neste mesmo jornal, que a questão feminina seria de todas a que mais havia de modificar-se com a transformação social que este conflito veio provocar, houve quem sorrisse incredulamente, tão acostumados estão os homens da nossa raça a achar insignificante o que diz respeito ás mulheres, fóra da atmosfera trovadrosca dos versos de amor, ou da utilidade particular da familia.

A dois anos de luta furibunda entre os povos que um ideal diverso, e uma diversa psicologia profundamente separaram, vimos encontrar a noção da vida e da missão humana do sexo feminino completamente modificada.

Isto é: o que era dantes o ideal pouco compreendido e muito hostilizado de grandes espiritos percursores como Ibsen, Bjorson, Manelair, Marguerites, Finot, e outros, sem falar, é claro, nas mulheres, mais directas interessadas, passou a ser da compreensão de toda a gente e a ser aceite como facto normal que a necessidade justifica.

A acção das mulheres em todos os países em guerra é uma prova, que difficilmente se poderá iludir mais tarde, de que a humanidade é una; e tão erradamente anda quem pretende a superioridade do sexo masculino, como os que proclamam as maiores qualidades do feminino.

Ha virtudes e crimes humanos perante a natureza; virtudes e crimes sexuais só os criou o homem pela complicação das suas leis, costumes e preconceitos que bem fóra da Natureza andam.

A guerra, a grande despertadora de energias dormentes, a grande purificadora dos sentimentos humanos, trouxe mais esta verdade á plena luz da consciencia moderna.

A mulher, seja qual fór a sua raça, eleva-se hoje aos olhos extasiados do homem, que se tornou pelo sofrimento mais seu irmão, mais seu igual para a dura caminhada do futuro.

Se ha—como cremos—um grande principio de justiça imanente na inconsciencia das coisas, essa justiça bateu a sua hora para a mulher da civilização europeia.

Nós vemos hoje que as mulheres que pediam direitos, e aquelas mesmas que os pediam, por ignorancia ou indiferença perante o conflito social que individualmente as não atingia, levantarem-se em França num impulso de beleza estética e sentimental, que moveu os mais duros inimigos da nossa causa. Vemos as italianas com a segurança e a calma de quem nunca duvidou do triunfo para a sua raça. Vemos as russas, ainda ontem as enigmaticas revolucionarias das escolas, as

mães entristecidas dum povo que anseia pela libertação, baterem-se algumas ao lado dos homens e avançarem trabalhando para o triunfo, como souberam sofrer e resignar-se na retirada.

As belgas, as sérvias e as polacas, mostram com orgulho o peito rasgado e os corações sangrando pelas Patrias esmagadas.

Mais tarde, justiça ha de ser feita, decerto, á acção da mulher dos países inimigos e da qual hoje pouco sabemos... e que soubessemos, humano seria que as não louvassemos num auxilio que redunda num prejuizo da causa que defendemos e que os seus homens ameaçaram com uma ferocidade barbara.

Nós, portuguesas, pouco temos feito, mas esse pouco representa imenso se atendermos á educação e ao meio, se atendermos ainda mais a que a guerra é para nós um esforço consciente de orgulho e amor patrio e não uma catastrophe para que fossemos impellidos com a violencia dos grandes choques inesperados.

Mas de todas as mulheres dos países beligerantes numa só raça elas se mostram preparadas para esta conflagração social em que a metade da humanidade, até aqui relegada á inferiorisação nos logares publicos, e a uma hipocrita soberania galante: é na raça inglesa.

A mulher na Inglaterra muito serenamente e muito conscientemente tomou em todos os serviços o lugar dos homens que iam rareando e fê-lo com uma perfeita compreensão de quem sabe cumprir o seu destino.

Depois desta guerra a Inglaterra, mesmo que não aumente um palmo de terra ao seu vastissimo imperio, será bem maior pela grandeza moral com que soube defender os seus interesses, ligando-os aos sagrados interesses duma civilização ameaçada, e bem maior ainda pela entrada da mulher, com valor positivo e util, na sua vida social. O equilibrio que podia romper-se pela saída de tantos homens, alguns que não mais voltarão, de trabalho produtivo, estabelece-se muito bem com a entrada das mulheres que os substituem sem inferiorisação ou diminuição no trabalho produzido.

Será seguido neste ponto o exemplo da Inglaterra? Parece-nos que sim; pelo menos até ao ponto em que as mulheres dos outros países provem que estão resolvidas a caminhar pela via por elas largamente desbravada.

Ana de Castro Osorio.

Crónica citadina

A SEMANA...

Passou despercebido o Entrudo. Se descontarmos a meia dúzia de caturras de varios sexos, que por esses clubs e sociedades se cansaram gastando as solas em honra do velho Momo, ninguém lhe deu importancia de maior.

Foi-se o carnaval e parece que nos levou a murrinhenta chuva que tanto já fatigava pelo excesso! Ainda bem!

Vieram os dias claros, de bom sol, os dias alegres, especialmente dedicados aos filizes, e incitando-os aos doces prazeres da vida risonha e despreocupada.

As arvores começam a usar das suas festivas toilettes de verão e já pelos jardins, aqui e além, nos alegra os olhos o casto sorrir das flores.

Teem sido lindos e quentes os ultimos dias e a semana citadina bem poderia chamar-se luminosa se não houvesse a entenebre-la a morte do infeliz Manuel Antonio Ferreira, aluno numero 13 da Escola de Marinheiros do Sul.

Numero 13! O numero fatidico por excelencia!

O pobre, cedendo á fascinação das aguas, sentiu que para elas o impelia a tepidez mórna de quinta feira e, sem lembrar-se de que actuava sobre ele a daninha maldade do numero 13, foi nadando excitado, até que a corrente, o arrastou para longe da terra onde só cadaver devia regressar...

Pobre moco! Inteliz rapaz!... O corpo transportaram-no com todas as honras militares para o cemiterio da Esperança, que lindo nome!—mas o espirito, esse ficou pairando, errante, sobre o marulhar alteroso das ondas, confundido, talvez, com os eternos canticos das irrequietas sercias glaucas, de cabelos de espuma...

LYSTER FRANCO.

Francisco de Paula Mendonça

Faleceu no dia 19 em Estoi, o sr. Francisco de Paula Mendonça, abastado proprietario e bemquisto cavalheiro daquela localidade, onde gosava as maiores simpatias, conquistadas pelo seu belo caracter e fino trato.

Chefe do antigo partido regenerador em Estoi, dispôz de uma grande força eleitoral, que utilisava para obter melhoramentos para aquela aldeia, onde a sua memoria será sempre respeitada e evocada com a maior saudade.

O seu funeral revestiu a maior imponencia, tendo comparecido pessoas de todas as classes sociais e sendo geral o sentimento por tão infausto successo.

O sr. Lyster Franco, que muito prezava a amizade venerando ancião, não pôde acompanhá-lo á sua ultima morada, em consequencia do seu precário estado de saúde.

A sua desolada viuva e a seus filhos a mais sentida expressão do nosso pesar.

Antonio de Abreu Marques

Faleceu em Lisboa, no dia 12, o sr. Antonio de Abreu Marques, irmão do nosso presado amigo e ilustre escritor sr. Francisco de Paula Abreu Marques.

A familia enlutada as nossas condolencias.

A GUERRA

Os soldados portugueses em França

O brilhante jornalista, sr. Adelinho Mendes, que a CAPITAL enviou para França, para de perto acompanhar as operações do corpo expedicionario português, traduz as-

Novidades literarias

MEMORIA

do I.º Congresso das Obras Catolicas do Algarve em homenagem ao Senhor D. Francisco Gomes do Avelar—no 1.º centenario do seu falecimento—1816—1916

celebrado em Faro, nos dias 8, 9, 10, 11 de Fevereiro de 1916.

Um volume em grande formato, contendo todos os discursos proferidos no Congresso, um relato minucioso de todos os actos do mesmo, relatorios das diferentes associações de instrução, piedade e caridade estabelecidas no Algarve, e uma estatistica de todo o movimento religioso da Diocese, acompanhado de uma esplendida foto gravura de D. Francisco Gomes e um mapa topografico da diocese e provincia do Algarve.

Vende-se ao preço de esc. 1\$50 na Tipografia «União»—Rua Tenente Valadim—Faro—e nas Livrarias da cidade.

sim numã das suas ultimas cronicas o sentir dum oficial inglês acerca dos nossos soldados na ocasião do seu desembarque num porto de França:

«A tarde largaram dois comboios. Na hora da partida, os vivas irromperam estrepitosos e sem conta. Vivas á Patria, vivas á França, vivas á Republica. Foi um consolador momento esse.

Bem podem aqueles que o presenciaram incluí-lo no numero daqueles que não se esquecem nunca...

A' noite, a um major inglês que fez em Lisboa uma larga permanencia e que me fala de individuos que na politica monarquica tiveram grande preponderancia, com os quais conviveu, perguntei que impressão lhe tinham deixado os nossos soldados.

—Excelente. E' gente desempenada, rija, alegre, capaz de grandes esforços em favor da causa sagrada que os aliados defendem.

Acho-os até mais robusto do que me seria dado supôr.—São tropas escolhidas?

—Não senhor. São apenas soldados que a primeira mobilisação apanhou, sem outra solução que não fosse a que os regulamentos militares impõem no acto do recrutamento. E julgo que não irão estranhar profundamente a sua nova situação.

—Tambem o creio. Está tudo preparado para os receber.

E quando os ingleses preparam qualquer cousa, sabe-se bem que cuidado eles põem em tudo quanto sai da sua intelligencia, do seu bom senso e do seu espirito pratico.

Na frente no sector que vai ocupar depois de sofrer a necessaria preparação sur place, a Legião Portuguesa será tratada como se fosse uma parcela do grande exercito britânico.

Dito isto, está dito tudo.

Dr. Antonio José de Almeida

Está annunciada para hoje a visita do sr. dr. Antonio José de Almeida a esta cidade.

A hora

Segundo um decreto ultimamente publicado pelo «Diário do Governo», a hora principiar em 1 de Março e a terminar em 31 de Outubro, será adiada 60 minutos.

A comissão de inventos de guerra, da Academia de Sciencias de Portugal, representada pelos srs. general Fausto Guedes Dias, capitães de fragata Ramos da Costa e Isaías Dias Newton, dr. Antonio Cabreira, dr. Santos Lucas, Melo e Simas e tenente Artur Nunes, deu parecer favoravel a um aparelho inventado pelo sr. Rocha Carvalho, destinado á guerra maritima.

O parecer, redigido pelo general sr. Guedes, vai ser enviado ao ministerio da marinha.

O Poeta João Penha

—E que tal? diria o Padre eterno.
—Unico!
—Quem é o aneto? —Victor Hugo!
—Pois olha, explicaria desvanecido o Juiz Supremo, esse rapaz é meu filho.

—E ainda ha, tornaria eu, quem diga que os filhos não são mais inteligentes que os pais!

O Homem do Gaz retirava para a sombra, meditando.

Ah quando este bom gigante do Homem do Gaz viu numa triste hora o destino separar todos estes rapazes, tão cheios de entusiasmo, de alegria e de jovialidade, quando os viu partir para a magistratura, para o magisterio, para a politica, para a vida da familia, deixou-se vencer de uma grande melancolia; e passado um anno depois da dispersão do cenaculo, caiu na cama, e reventou... de saudades...

Dois dias depois escrevia-nos João Penha, de Braga e enviava-o o seguinte.

EPITAFIO

Eil-o aqui jaz, aqui jaz,
Nesta humilde campa fria
O nosso velho rapaz!
Deus em sua gloria o tenha!
Era ele quem accendia
Inspiração em João Penha!
Deus em sua gloria o tenha!
Nesta humilde campa fria
Eil-o aqui jaz, aqui jaz!

O restaurante do Conselheiro Rodrigo era no cais das Ameias, num barracão espancoso e ameaçando ruina. Frequentavam-no com grande assiduidade Teófilo Braga, Vasconcelos Abreu, um investigador erudito, Augusto Sarmiento, autor do Gostos ao Soalheiro, Adelmo das Neves, o colecionador das Canções Populares, varios lentes e professores, o dr. Inácio—um operador distinctissimo, etc., etc.

Conselheiro lhe chamavamos nós porque nunca se viu face mais austera, autoritaria e sisuda em taberneiro. Nunca desmanchava a sua gravidade: riria poucas vezes: dizia somente as palavras precisas, menos a João Penha, com quem desabafava a respeito da pouca vergonha que ia por esse mundo, e de quem apreciava os chistes e es versos, a ponto de ter á cabeceira da cama, numa rica moldura, o soneto que o poeta lhe oferecera no seu aniversario.

Tinha frequentado o primeiro ano de teologia, fóra negociante, falira honramente, e para sustentar a numerosa familia começou a dar de ceiar aos estudantes.

Eram baratissimas essas ceias, e de um sabor delicioso sobre tudo no tempo da lampreia.

O Conselheiro tinha a veia, a especialidade, o que se chama dedo, para o preparo dessa ignaria. Ninguém a fazia melhor em Coimbra, nem no Carolo, nem no Castelo nem no Paço do Conde, e mais era Paço do Conde a primaz, em antiguidade, das hospedarias comibrincenses.

Depois das onze da noite entravam na tasca do Conselheiro vultos embuçados, misteriosos, com paço subtil e leve.

Uma noite, vimos ali entrar um homem como uma torre, um pedaço de um homem... João Penha e nós fomos-lhes na piguada.

—Que novo freguez é esse? perguntou o poeta ao Conselheiro. Em Coimbra só conheço dois homens dessa grandeza—o dr. Mamede e o Bispo-Conde. Qual deles é? Guardo segredo.

—Don-lhe a minha palavra que não é o doutor...

—Logo, atilhou João Penha...
—Inda que adivinhe, não digo quem é, tornou o Rodrigo com uma dignidade antiga.

E João Penha voltando-se para nós:
—Mau! a Igreja tambem concorre.
Foi ali que se deu o seguinte caso:
Numa bela vespera de feriado dirigiamonos nós e João Penha para o barracão do Conselheiro. O caos deserto, o Mondego de uma formosura incomparavel, o luar de indoiocer. Iamos a penetrar... quando damos de frente com um embuçado...

Era Marçal Pacheco.
Que inveja eu vos tenho! murmurou melancolicamente o triste.

—Porque não vens conosco? disse-nos.

—Impossível: devo duas ceias ao *Conselheiro*, e estamos no fim do mez...
 —E' horroroso... mas inda agora reparo, notou João Penha, com essa bela barba, que deixaste crescer, és um andafuz completo, e depois essa capa, e esse chapéo de zabado... sabes tu por acaso falar espanhol?

—Essa pergunta a um filho de Loulé!
 —Nesse caso, anda! Apresentar-te-hemos como um espanhol, que nos veio recomendo por D. Benigno Martinez, e que deseja estudar costumes...

Entrámos os tres: Marçal, com o chapéo sobre os olhos, e embuçado até aos narizes, para tornar mais característico o seu papel, expectorava, de quando em quando, pelo corredor, com gestos fandangueiros:

—Vaya de bromá! X adellante! Vaya de bromá!

O *Conselheiro* entrou no cubiculo, onde ninguém penetrava senão depois da saída de João Penha, e curvado, com os dedos fincados na toalha:

—O que desejam?

João Penha, que estava de pé, aproximou-se do *Conselheiro*:

—E' um espanhol, disse baixo apontando para Marçal.

Queremos regala-lo, recomendo apuro. Rodrigo olhou para o estrangeiro e comprimitou-o com grande respeito.

—E o que temos hoje? perguntou em voz alta João Penha.

—Ovos mechidos com miolos, ceelho guisado, e lampreia, respondeu o *Conselheiro*.

João Penha voltou-se para o cavalheiro espanhol:

—Tenemos para cenar sesos com uevos reuveltos, conejo guisado, y um pescuio que nosotros llamamos lamprea, que le gusta usted mas? perguntou João Penha ao cavalheiro espanhol, com todo o castelhano que sabia.

—Para mim tengo una decidida preferéncia para... lo todo! respondeu, lacónicamente e com a mais correcta pronuncia castelhana, o cavalheiro das Espanhas sempre embuçado, e com o chapéo cada vez mais caído sobre os olhos.

O *Conselheiro* trazia os pratos, e saía logo, voltando sómente quando era chamado; foi o que valen a Marçal, que nesses intervalos se desmembocava para comer, como um botocudo esfaimado.

Acabada a ceia, e quando iamós já perto da porta:

—O sr. João Penha, dá-me uma palavrinha? disse afavelmente o *Conselheiro* Rodrigo.

Marçal que estava perto da porta gaigno de um salto as escadas, e engolfou-se no bécio...

Aproximamo-nos.

Digam-me uma coisa, perguntou o *Conselheiro*, com uma gravidade de um comitê impagavel, aquela cavallheiro espanhol não é... sr. Marçal Pacheco?

—Um mil boubas! Não respondimos neto uma nem duas; o caso foi tal, que fomos peli corredor fora de gatas, a rir, suffocados.

O *Conselheiro* um dia fêchou a porta; nesse dia a cidade baixa chorou um grande choro, como o da Biblia. O *Conselheiro* abriu de novo um estanco, mas os frequezes, que acudiám á lampreia, não vieram ao choro, ou porque á loja estive-se num sitio fora da mão, ou porque os charutos fossem maus; mais ou bons, Rodrigo, com tão viessem frequezes, foi fundando, fundando neles, deu com a loja em vase-barris, e quebrou pela segunda vez. Que triste fado o deste *Conselheiro*!

Resta falar da Camêa. O Musa inspirado! A taberna da Mãe Maria Camêa era na cidade alta, e existia na rua, que se rasga até a porta ferrea do edificio da Universidade.

Dentro daquela locanda não cabiam á vontade dize pessoas, e comudo era lá frequantada, tão appetecida, tanta nomeada adquiriram as savorosas postas do savel frito pela Mãe Maria, e as belas enguias, que ali se preparavam, que em certas noites pareciam ter havido incendio em alguma daquelas casas, tal era a multidão amotinada das serventes e dos estudantes, que faziam bichá á porta, á espera que lhas chegasse a vez.

Continúa.

Novida des literarias Nas trincheiras

(Fortificação e combate) pelo capitão Mousinho de Albuquerque e tenente S. Casimiro. Preço 25 centavos.

A' venda na Havaneza de Miguel Neves-Faro.

REMÉDIO FRANCEZ o mais antigo conhecido contra a

PRISÃO DE VENTRE

INVENTADO em 1808 VERDADEIROS

Grãos de Saúde

do **D^r Franck**

(VERITABLES GRAINS de SAINTE de D^r FRANCK)

Em todas as Pharmacias e Droguarias

Depósito: 7, DELIGANT, 15, Rua dos Sapateiros, LISBOA

FUTURISMO

GENTE NOVA

AS HORAS

A Nesso

Tim! Tim! Tim! Falam Relogios
 Suas carcassas de engranagem
 São cosmorâmias de miragem,
 Hipotalamos ou necrologios...

Tim! Tim! Tim! Falam Relogios...

Monstro de Bruma, a Hora Triste
 Arde nas Almas, alucinante,
 Decorrem seculos num só Instante,
 E a Morte passo, de force em riste,
 Monstro de Bruma, a Hora Triste...

Libelinha Azul, a Hora Feliz
 Voa no ar, feita Esplendor,
 Ressoam hinos de Paz e Amor,
 Chôques de sedas, lindo matiz!
 Libelinha Azul, a Hora Feliz...

Vem a Hora-A'guia, Luz triunfante
 Florindo arômas pelas capotas,
 Alastram no Céu rubras papoulas,
 Flôcos de espuma fumejante!
 Vem a Hora-A'guia, Luz triunfante!...

Bronco Rochêdo, a Hora da Morte
 Cai sobre Nós, tudo a esmagar,
 São mil castelos a desabar!
 Cortam as Parcas o fio da Sorte!
 Bronco Rochêdo, a Hora da Morte!

Mas chega a Hora auri-luzente,
 A Hora de Sonho Libertação;
 Funde-se a Carne em podridão,
 Ascende o Espirito resplandecente,
 E chega a Hora auri-luzente!...

Vaga harmonia, de selva em selva
 Perfume errante de um jardim
 Corre em Paris, Nova York, Pekim!
 Difunde sons por toda a Terra
 Vaga harmonia, de selva em selva!

Falim Relogios: Tim! Tim!... Tim!...
 Vozes Eternas! Ecos sem Fim!
 Bravos de Sonho, brando setim!
 Canticos de ouro, Sanguê-Rubim!
 Falim Relogios: Tim! Tim!... Tim!...
 Tim!... Tim!... Tim!... Tim!...
 Tim!... Tim!... Tim!... Tim!...
 Tim!... Tim!... Tim!... Tim!...

Porto, Fevereiro, 1917.

VIVINO

Mario de Sá Carneiro

Senhor, ser a Alma a lira onde o sentimento dedilha em vagos Sons—harmonia as Tristezas—moleis ou o Ideal; fazer das diversas combinações dum alfabeto, palavras-pensamentos, orações-melodias; ser-se escritor na forma, mas musico na alma; Cantar em estrofes—o Poesia—Ideal, eis o que é Mario de Sá Carneiro.

A sua forma tombou. Foi a enterrar-se por uma dessas manhãs loiras de Paris.

A Alma essa triumphou-se. Habita em tudo, que tem som, em fu o quanto canta. Matou-se mas não foi um vencido, venceu-se. A musica não é a partitura onde figuram as notas, é as mil e uma vibrações que, como chuva de ouro, nos embriagam os sentidos, nos tremem a alma.

Esse moderno Gigante, talhado em colorações perturbadoras, quiz ser coerente até na morte.

Quando o Artista, em arroubos de luz, proclamava do alto, do seu Ideal que a morte era a libertação, dessa coisa mesquinha, a materia, algumas vezes, risos sem cor, respondiam ás suas palavras.

AH! como esses mesmos, como esses cerebros sem substancia, devem hoje reconhecer o seu erro.

E quem sabe (?), nem talvez que o arrependimento tivesse vindo até elles.

Para muitos, o arreperder-se é já uma manifestação da alma, e duvido que elles a tenham.

A sua voluntaria morte não foi só coerencia. Mario estava demasiadamente acima dos que lhe chamavam doído, para que pertendesse responder-lhes com os factos.

Desgracadamente foi preciso que Mario de Sá Carneiro transpozesse o portal para além do qual tudo é Misterio, para que se lhe fizesse justiça, para que ao reduzi-lo numero dos seus admiradores de sempre, se viesse juntar o culto dos que só tiveram labios para sorrir.

Mario foi logo de principio um requintado Cantor das Melodias da Alma.

A sua obra está a atestar o seu Génio. Nada d'elle se comprehendera se o não soubermos sentir. Ele está tão estreitamente ligado ás suas produções que, em cada verso, em cada bocôdo da sua prosa quente de Ideal, está preso um farapo da sua Alma.

Se lês-s' toda a sua Obra, se o souberdes interpretar, á medida que á lês-des passádo em revista, haves de sentir, como eu sinto e como um sonho vigo e

doifado, os costumes do seu espirito de musico, dando vida, aos poucos, áqueles caracteres negros que a mão, hoje enerte, traçou.

E' a Alma do Mário que, como sempre, se levanta em té na sua Obra e nos vem murmurar, muito de manso, symónis da luz, canticos de irrial.

A Alma de Sá Carneiro, é o cadinho onde a vida prosaica e material se destila em sentelhas de Poesia e de Sentimento.

Os seus livros foram aqui lidos.

As exuberantes dêsse fogo mourisco, que nos circula nas artérias, as nossas almas vibraram em unisono com a do grande Artista, o perfume antigo das suas estrofes acordaram os ecos do nosso sentimento e então, um punhado de modestos artistas pela Alma, juntou-se á volta do Astro-Rei para melhor podere receber o calor que brota de lá a forros.

Baluciamos a principio não porque tivéssemos receio das opiniões da outra gente, mas sim porque o nosso culto pela Obra de Sá Carneiro, embora grande, não tinha ainda atingido a maturação necessaria, porque a Luz que dela irradiava, era demasiadamente intensa para nós, pobres espiritos, pouco affectos ás colorações astrais.

As traçar estas desconchavadas linhas, as ensaiar estes hesitantes passos arrecoim tanto de nada de dizer do Mestre que me fêce a coragém para continuar. As nossas almas só sabem curvar—e humildes e respeitosa perante essa Outra que é tão Grande, tão Ideal e tão Nobre que só ao de leve a comprehendemos.

O nosso respeito pelo querido Morto é tão concreto, que só nos é dado ajoelhar ante a sua sepultura e réter no coração o fogo irrial que lla nós emprestou.

Faro, 18-2-917.

José Nunes de Sousa.

POR ESSE MUNDO

A Memoria

Apontam-se exemplos de memoria extraordinariamente admiraveis. De entre os mais famosos, sobre-acem:

«Cacozé», celebre orientalista, bibliotecario de Frederico da Prussia, que, depois de ouvir ler 50 versos, os repetia seguidamente sem errar.

«Gassendi», filosofo e astrónomo francês, que em trez dias aprendeu de cor seis mil versos latinos;

«Seneca», filosofo latino, preceptor de Nero, que repetiu doze mil vocabulos, na ordem exata por que os ouvira pronunciar;

«Tyon», actor inglés, que repetiu sem hesitar um momento, duas paginas do jornal «O Daily Advertiser»;

«Triompson», engenheiro saxão, que em 22 horas desenhou de memoria uma planta de todos os arredores de Westminster;

«Sanderson», que repetia todas as odes de Horacio.

A fome

O «Daily Mail» recebeu correspondencia de Coionta com a nitidissima impressão de que em breve a Alemanha estará incapaz de proseguir na luta, a não ser que invada a Dinamarca e a Holanda para encontrar carne, trigo, manteiga e azeite. Só o leite para as crianças, porque aquelle liquido é transformado em glicerina para o fabrico de explosivos.

O povo sofre fome, ao passo que os officios nada falta, o que causa conflitos.

Um corsario alemão

No ministerio da marinha recebeu-se um telegrama comunicando que o vapor americano «Borsinguen» recolhera a tripulação do vapor norueguês «Berginhan», que foi torpedeado por um submarino alemão no dia 10 do corrente, na latitude norte 48.55 e longitude oeste 11.15.

Por telegrama recebido em Lisboa consta que um corsario alemão armado com 12 peças e 4 tubos lança torpedos, tem afundado grande numero de navios no Atlantico, entre os quais os francezes «Nantes» e «Ansiéres» e os ingleses «Radovoshire», «Damostrat», «Hamostemer», etc.

Diz o mesmo telegrama que aportou ao Recife, Brazil, o vapor japonês «Hudsonmarou», com 257 naufragos de varios vapores francezes e ingleses afundados pelo corsario.

Diz ainda o telegrama que o corsario «Moem» apresou outro navio, que transformou em pirata.

Veja-se, na secção competente, o annuncio da importante Casa Santos, Limited, em Lisboa.

BELAS-LETRAS

Antologia do Algarve

POESIA

FLOR DO CHÃO

Em versos espalhei o coração,
 cheio do meu oculo amor por ti,
 e ele encheu o ceu, donde o ergui,
 disperso em astros pela minha mão...

Via-lactea a florir toda amplidão,
 nunca nêlo os teus olhos puros vi,
 ou se o filaste alguma vez, senti
 que foste cega para o seu clarão...

Meu coração, emfim! ei-lo vencido...
 Hoje teus passos segue ermo e perdido,
 enquanto vais sorrindo entre cantares...

De rastos e a rasgar-se em cada espinho,
 éle é uma flor de sangue em teu caminho,
 —flor do chão, que tu pisas sem a olhares...

BERNARDO DE PASSOS.

PROSA

HISTORIAS INSÓLITAS

CINZAS...

Veio o sol alegrar a terra com seus esplendores. Paíra no ar um arôma vivificante de flores novas; as aves iniciam seus canticos ainda melancolicos por traduzirem a ansia, que as alinceia, de saudarem a Primavera.

A Tristeza e a Saudade, duas amigas fidelissimas que jámais me desampararam, aconselharam-me a reler o manuscrito de Alberto.

Obedeci-lhes sem saber resistir a tentação de transcrever para aqui a carta que segue:

«Silvina: Nem sei que responder-te, tão descontraídos são os pensamentos que as tuas palavras fazem tumultuar no meu pobre cerebro:»

«Parece-me estaria a puvir-te e nada mais grato do que escutar deliciado a musica encantadora de uma voz terna e apaixonada, que, confidenciando-nos máguas e alegrias, nos enfeitava ao ponto de nos fazer esquecer a nossa misera condição de mortais, iludindo-nos na creença de que, tornados espiritos puros, pairamos na luminosa mansão do Ideal, libertos alfin das impurezas do cáterio mundano.»

«Sonho? Não sei de frase que mais encantos enterra; é atentando na sua magia que me parece atingir a explicação da força misteriosa com que conseguiste prender de novo o meu pensamento, eu que a mim proprio prometera esquecer-te.»

«Perguntas-me o que senti quando me fugiste? Se eu soubesse traduzir fielmente as minhas impressões mais fortes, tentaria sim, descrever-te o poema de luto, que foi para o meu coração esse despedir-se da linda ingrata que jurara amar-me eternamente—jurás em bocas lindas!—e que em tão breve tempo esqueceu juras e promessas.»

«O sol no occaso deslumbra. Nunca a minha Musa de outrora me pareceu tão encantadora.»

A mantilha, emoldurando-lhe o rosto gracioso, sombreava-lhe os olhos glaucos que, naquella tenue obscuridade de sonho, tinham lampejos indefiníveis, metallicos, lembrando toda a absorvente atracção das aguas do mar, entrevistas nesses momentos do misterio que nossos espiritos sedentos de Ideal buscavam por toda a parte.

Conservo inolvidavel em meu espirito essa lembrança de um instante pleno de emotivos encantos, assim como, antes, fiára, resistindo lentamente ao esfumar das minhas recordações, a visão deliciosa de um busto encantador, cujo seio de mafirôre...

«Mas foi uma deliciosa surpresa quando, finalmente, vi que o teu livro era todo constituído pelas minhas cartas, pelas cartas que outrora te escrevi e que são a historia vibrante do nosso affecto morto!»

Lisongeira! Que boa Fada te segredou essa lembrança que é, afinal, mais um requinte do teu espirito amoroso?

Mas queres, então, conservar esses papéis já hoje completamente inúteis para ti e que tu propria denominaste «Cartas de um morto»?

«Que desgosto te leva a uma tal obstinação? Agradeço-te, cre, o apreço que das a

Quando no principio da guerra civil, a imprensa de Lisboa, como se costuma fazer, teve de se retirar para o interior do país. A imprensa de Lisboa, como se costuma fazer, teve de se retirar para o interior do país. A imprensa de Lisboa, como se costuma fazer, teve de se retirar para o interior do país.

Confesso-te que uma extranha curiosidade me perturbou quando me disseste que te haviam ofertado um livro muito interessante.

Tal curiosidade aumentou quando, maliciosa, quizesse mostrar-me a dedicatória.

A principio julguei tratar-se de um livro em que qualquer admirador dos teus encantos houvesse floreado algum madrigal gentil.

Foi por isso que me opuz a que logo o desembulhasses; nem queria ver-lo.

E sempre doloroso para um espirito sensível saber que outros lhe cortejam a Mulher amada.

Para mim, quando essa côrte reveste pelo menos em apparencia, a pretensão de dirigir-se á intelligencia, exteriorisando-se em dedicatorias de livros, de poesias ou trechos de prosa, entendo que duplica o seu valor lisongeante e mais me punje.

Mas o teu suposto livro, tão candidamente envolto no papel roxo em que o resguardavas, aquele bouquet de amores perfeitos de que depois me disseste a significação, aquele laço de crepe, accentuando a nota lutosa, que nem o fidalgo de seda verde atenuava com a sua cor berrante, impressionou-me muito, confesso.

Hesitei em abri-lo.

Como não havia de proceder assim, dominado como estava pelo receio de encontrar na primeira pagina alguma frase acusando a intenção de te lisongear e que mais me fizesse sofrer?

Não rias desta referéncia a um sofrimento que talvez te pareça pueril, agora que o nosso amor já morreu. Trata-se de um sofrimento espiritual inexcitavel em crueza.

Por isso eu hesitava em perscrutar o mysterio. Dominava-me em terror místico e aquelle livro foi para mim, durante alguns instantes, uma verdadeira bocôta de Pandora!

Mas foi uma deliciosa surpresa quando, finalmente, vi que o teu livro era todo constituído pelas minhas cartas, pelas cartas que outrora te escrevi e que são a historia vibrante do nosso affecto morto!

Lisongeira! Que boa Fada te segredou essa lembrança que é, afinal, mais um requinte do teu espirito amoroso?

Mas queres, então, conservar esses papéis já hoje completamente inúteis para ti e que tu propria denominaste «Cartas de um morto»?

«Que desgosto te leva a uma tal obstinação? Agradeço-te, cre, o apreço que das a

esses miserios pedaços de papel, cinzas frias de um fogo extinto, mas peço-te que reflitas na inconveniência de conserva-los por mais tempo.

Bem sabes que podem cair em mãos estranhas e servirem de pasto á curiosidade ironica de qualquer feliz mortal...

Dá-mos. Consente que eu os destrua. Não ignoras quanto eram santos e puros os sentimentos, que me levaram a traçar esses farrapos de prosa, em que procurei sempre ficar as mais candidas impressões da minha alma e sabes também que nenhuma sombra de mácula tinha ainda entenebrecido o nosso idílio que tu, cedendo aos mais falsos preconceitos, tão implacavelmente quizeste destruir.

Tais são os principais trechos da carta de Alberto.

Não pode negar-se ter sido escrita ainda á luz intensa daquele affecto que se obstina a proclamar morto, mas que nós vemos gradualmente ir extinguindo-se numa bruma tão triste que parece diluir-nos no espirito um vago perfume de saudades...

LYSTER FRANCO.

Por esse Algarve

Junqueira—Castro Marim

C. memorando, o dia 31 de Janeiro de 1891, realison-se na escola movel desta localidade uma brilhante festa patriótica, promovida pelo professor da mesma escola, sr. Pereira de Lima.

Organisou-se um cortejo civico percorrendo a povoação e logares proximos com saudações patrióticas, entoando-se os himnos «Patriótica», «Marselhesa», «Primeiro de Dezembro» e «Maria da Fonte». As alunas Rosa da Conceição e Rita Custodia levaram as fitas de seda com as cores nacionais e os dizes: «Escola Movel e Escola Oficial»; os alunos Manuel Salvador, Flaviano Nunes e José Martins, as bandeiras de seda das nações aliadas e a nacional.

Na escola ornamentada com as cores das nações aliadas, discursou o professor succintamente os factos historicos e civicos desde 31 de Janeiro de 1891 até 5 de Outubro de 1910, sendo muito applaudido.

Depois realison-se uma soiree abrihantada pelo grupo de guitarrista «Bela União», estando muito animada e dançando-se até ás 4 horas da manhã. Uma serenata percorreu a povoação com delirantes ovações á Republica e á Patria.

Na soiree estiveram entre outras pessoas as sr.ªs D. Barbara Martins Salvador, D. Maria Joaquina, D. Maria Tomásta, os vereadores da Camara Municipal de Castro Marim srs. Nicolau Paulo da Silva, João Rodrigues Rosa e Joaquim Nunes que é o digno presidente da Comissão Executiva e vereador da Instrução; Comissão «Os Amigos da Escola» e os srs. José Joaquim Lourenço, Antonio Saboia, João Nunes, Antonio Nunes desta localidade; Antonio Gomes, do Cabeço; Manuel Vicente, do Monte Francisco, e muitas outras pessoas de Azinhel e S. Bartolomeu, deste concelho. O professor ofereceu bombons aos alunos e um delicado copo de agua á troupe de guitarristas que executou com mestria diversos trechos de musica que muito agradaram.

Foi uma festa encantadora que se realison aqui pela Segunda vez e agradavelmente satisfiz a assistencia.

Deitaram-se foguetes durante todo o festo.

NECROLOGIA

No dia 5 deste mês realison-se o funeral da simpática menina Amelia ds Soledade Nunes de Faria, ex-aluna do Liceu Central de Faro, que faleceu devido a uma febre infecciosa. Morreu com 18 anos de idade, em S. Bartolomeu deste concelho. Natural de

Faro, era irmã do padre sr. Joaquim Inacio Nunes de Faria, Vigario de Ipaussu (Estado de S. Paulo) Brazil, do sr. Luiz Vitoria de Faria, empregado em Lisboa e da sr.ª D. Maria da Gloria Nunes de Faria, professora oficial de S. Bartolomeu.

O enterro foi muito concorrido, pegando ás borlas do caixão os principais cavalheiros de Castro Marim. Discursou á beira da sepultura o professor sr. Pereira de Lima cujas palavras fizeram derramar lagrimas em todos que o ouviam.

Foram oferecidas á desditosa menina duas ricas coroas, uma pela mãe e irmãos, com a seguinte dedicatória: «A nossa saudosa Amelia, eterna saudade de sua mãe e irmãos — e as outra pela sr.ª professora oficial da Conceição, concelho de Tavira, com a seguinte dedicatória: «A minha querida Amelia, um ultimo adeus da sua amiga Isaura Palma.»

—Faleceu no dia 4 deste mês uma tia do illustre Presidente da Junta de Paroquia da Freguesia de Castro Marim sr. Manuel Quilbino Nogueira da Silva.

—Tambem foi sepultada no dia 11 deste mês no cemiterio de Castro Marim a sr.ª D. Catarina Fernandes-mãe da esposa do sr. Joaquim Nunes, digno presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Castro Marim.—As familias dos falecidos enviamos nossas condolencias.

A GUERRA

Avant-guerra

Sobe este titulo recortamos do nosso presado colega «A Ordem», de Lisboa:

O que foi a preparação alemã para a guerra tremenda em que a Europa se encontra envolvida, mostra-o a seguinte informação transmitida para o nosso distincto colega do Porto «A Liberdade» pelo seu illustre correspondente em Lisboa.

«Um amigo meu, respeitabilissimo, que tem propriedades no Algarve, contou-me hoje coisas curiosas sobre a espiagem em Portugal.

Quando um submarino alemão torpedeava um barco portuguez aqui na nossa costa, a intimação do submarino era dada em portuguez:

«Arctia os botes!»

Os officiaes alemães falavam aos maritimos portuguezes, dos barcos que iam torpedear, em portuguez e em portuguez com sotaque e terminologia algarvia.

Depois de a tripulação ter entrado para os botes os alemães dão-lhe uma burla e dizem-lhes:

«Vocês com este rumo vão aproar a tal ponto.»

E esse ponto não era nenhum porto importante. Eram enseadinhas que nem veem marcadas nas cartas.

Como conheciam os alemães dos submarinos esses pontos da nossa costa?

Onde aprenderam eles a lingua portugueza?

Sabem onde, quando e como?

Nas armações de atuns do Algarve.

Ha officiaes dos submarinos alemães que andaram tres e quatro anos contrados nas armações de atum, em serviço de avant-guerra.

NOTICIARIO

Acompanhada de sua filha e netas já regressou a esta cidade a sr.ª Condessa de Cabo de Santa Maria.

—Encontram-se em Lisboa mademoiselles Gabriela e Maria Tereza Alexandre da

A Elegante

Rodolfo Silva

LOULÉ

O sortido mais grandioso e completo em tecidos pretos e azues para vestidos genero tailleur, encontra-se neste estabelecimento.

Exposições permanentes das ultimas criações da moda na secção de tecidos de inverno.

Péles, Doubles-Faces, Blusões, Casacos, Echarpes, Saídas de Teatro, Baile, etc.

Endereçar pedidos de amostras que se enviam na volta do corteio para todos os pontos da provincia.

Rodolfo Silva.



Fonseca, gentis filha do nosso presado amigo sr. José Alexandre da Fonseca.

— Com curta demora estiveram em Loulé na passada terça feira os srs. João Parreira, Antonio J. Teixeira, Moreira Junior, José Ensebio da Fonseca, Antonio Paula e Mario Lyster Franco, alunos do liceu desta cidade.

— Foi nomeado juiz substituto da comarca de Faro o sr. dr. Manuel Pedro Guerreiro.

— Já regressou a Lisboa o sr. dr. Tomaz da Mara e Dias.

— O sr. Antonio dos Reis Calapez, foi nomeado ajudante do escrivão do primeiro officio da comarca de Monchique.

— Foi transferido para o logar de distribuidor supranumerario do concelho de Faro o sr. Manuel Candido de Almeida que exercia identico logar no concelho de Lagos.

— Vimos em Faro o sr. dr. Frederico Cortes, medico da armada.

— Já regressou a esta cidade, mademoiselle Cristina Leitão, filha do sr. dr. Lucas Leitão, juiz de direito desta comarca.

— Encontra-se em Lisboa onde foi submetter-se a segunda operação o nosso presado amigo sr. Francisco Nicolau Cauvari, a quem desejamos completas melhoras.

— Vai ser concluido o cemiterio de Algoz.

— Foi nomeado continuo da inspecção distrital de Faro, o sr. Alvaro de Oliveira Calvario.

— O sr. Antonio Soares Barreto foi nomeado substituto do juiz de direito de Vila Real de Santo Antonio.

— Foram nomeados juizes de paz em Alcoutim, Castro Marim, Marim Longo e Estoi respectivamente os srs. Pedro José Lopes, Roberto da Fonseca, Agostinho Candeias e José Nunes de Andrade.

— Foi transferido da comarca de Armamar para a de Vila Nova de Portimão o delegado sr. dr. Gilberto Magno de Beça Aragão.

— Com o completo apoio da Academia das Sciencias de Portugal foi fundada pelo Instituto Historico do Minho a ordem de Frei Gonçalo Velho.

— O engenheiro sr. Estevão Afonso foi incumbido de examinar o estado da estrada de Portalegre.

— Por despacho ministerial foi deferido o requerimento do capitão tebente engenheiro naval, sr. Alvaro de Carvalho Daun e Lorena, em que pedia a demissão de presidente da comissão de aviação de navios ex-alemães.

Carteira

Fazem anos:

Hoje, Domingo, 25.—D. Maria do Carmo Neves, D. Elvira da Conceição Cordeiro, Manuel José Bensaude e Francisco Antonio Viegas.

Segunda-feira, 26.—D. Maria Amelia Sãmora Gil dos Santos, D. Maria José de Almeida, D. Ana de Sousa Lopes, José Rodrigues Fontinha, Innocencio Lucio Machado e a menina Maria Josefa Marques.

Terça-feira, 27.—D. Maria Justa Palermo Pinto, D. Josefa Rosado Correia, D. Elvira do Carmo Rocha, Eduardo da Fonseca Siller de Sousa, e Manuel Alberto Leal.

Quarta-feira, 28.—D. Josefa de Chelmick Judice Sãmora, D. Maria Augusta Pires Coelho, Antonio Francisco de Brito, José João Chumbinho.

Quinta-feira, 1 de Março.—D. Leopoldina do Carmo Mendes, D. Josefa Rodrigues Barroso, a menina Maria do Carmo Liberdade de Pedralva, Andrade Bivar Xavier, Julio Garrocho, e José de Sousa Estrela.

Sexta-feira, 2 de D. Maria Bernarda Guerreiro Feijão Rita e Manuel José Macias, José Antonio Olival.

Sabado, 3.—D. Maria das Dóres Abom de Azevedo Coutinho, D. Clara Sieuve Afonso Romero, D. Luiza de Ataíde Pereira, Francisco Xavier Moreira, e Antonio Augusto Ferreira.

Doentes:

As sr.ªs D. Ana de Bivar Camano, D. Maria das Dóres Abreu Marques, D. Palmira Ruivo, D. Laurinda Bomba, a esposa do nosso correligionario sr. Encarnação Vieira Junior; as meninas Maria Pereira, e Sebastiana Ortigão; os srs. Manuel José da Silva, José dos Reis Teixeira, Antonio Mendes Madeira Junior, João Antonio da Cruz Baílo, João Romero e o menino Luiz Corro.

—Está felicemente melhor, o nosso presado amigo sr. dr. Manuel Pedro Guerreiro.

Necrologia:

Faleceram: Em Faro, a sr.ª D. Ana Pires; em Loulé, a mãe de sr. Manuel Nobre; em Estoi, o sr. Francisco de Paula Mendonça; em Albufeira, um fillo do sr. José Botinas e em Africa o sr. João do Sacramento Costa.

A's familias enlutadas os nossos pesames.

Falta de espaço

A falta de espaço com que lutamos obriga-nos a retirar varios artigos já compostos para este numero.

Registo Civil

Nascimentos, casamentos e obitos registados na Conservatoria do Registo Civil de Faro, desde 16 a 23 de Fevereiro de 1917:

Table with 2 columns: Category and Count. Nascimentos: 26; Casamentos: 4; Obitos: 12.

Moto F. N. 4 cilindros em bom estado vendem Marques & Vaz Velho Limitada FARO

Enxofre Americano a receber brevemente vendem Marques & Vaz Velho Limitada FARO

Alviçaras Dão-se a quem entregar nesta redacção um diamante, que se perdeu na Igreja da Sé, por ocasião da festa do passado domingo.

Senhora Em casa particular recebe-se uma senhora para ser tratada como pessoa de familia. Dirigir-se a esta redacção.

Batata Muito boa para semente, vende-se qualquer quantidade a 900 reis a arroba. Pedidos a Carlos Gonçalves. Castro Marim.

Estanho Vende-se. Garcia R.—R. do Ouro 274. Lisboa.

Serras de Fita, Cravadeiras e Balancés Para fabricas de conserva, compram-se usados: Dirigir-se a José J. M. Adelino Pereira. Loulé.

Rapaz Oferece-se, de 20 anos, com exame de instrução primaria do 1.º grau, para se ocupar em qualquer serviço. Esteve 7 anos como ajudante de laboratorio e tem atestado de bom comportamento. Carta a Francisco Antonio Rosa —Sítio dos Gorjões. Santa Barbara de Nexe.

Cooperativa «Previdente»

Sociedade anonima de responsabilidade limitada. Sêde em Faro. —Estatutos—

4.º—Se o socio for pensionista, no livrete de credito serão lançadas a importancias dos seus fornecimentos a dinheiro ou a credito, e bem assim nele será mencionada a importancia do capital que constituir aualmente o seu fundo especial de pensão.

Artigo 25.º—O socio que adquirir accções pagas por meio de prestações semanais ou mensais de 10 centavos ou de superior importancia, como previamente declarar, não poderá interromper o pagamento das mesmas, por mais de quatro semanas ou 2 meses successivos.

§ Unico.—No caso de interrupção de que trata este artigo, o socio será convidado ao pagamento integral do seu debito por uma só vez e não o fazendo, dentro de oito dias, ser-lhe-ha comunicado que por esse facto ficam suspensos todos os seus direitos até resolução da assembleia geral.

CAPITULO VI

Pensão

Artigo 26.º—O socio masculino ou femi-

nino que tiver contribuido com quota para o fundo especial de pensão, poderá goza-la em sua vida ou lega-la, quando não utilize, a pessoa ou pessoas de sua familia na linha ascendente ou descendente.

Artigo 27.º—O socio pensionista independente do capital e do consumo que provar, não pode receber mais de dois por cento da percentagem arbitrada para dividendo.

§ Unico.—O remanescente dos lucros que lhe conberem, reverterão para o fundo especial da sua pensão.

Artigo 28.º—O socio pensionista é obrigado a contribuir para o fundo especial da pensão com uma quota semanal, não inferior a 10 centavos.

Artigo 29.º—Os lucros acumulados no fundo especial de pensão juntos ao capital proveniente das quotas vencerão um juro de 4 por cento, que será capitalizado anualmente na conta do mesmo socio.

Artigo 30.º—Cada socio pensionista terá um livrete no qual serão lançados o seu capital acumulado, dividendo anual e consumo realisado.

Artigo 31.º—O socio pensionista que, durante dez anos pelo menos, contribuir com quota e acumular o dividendo respectivo no fundo especial, terá direito, se provar impossibilidade de trabalhar ou de adquirir meios de subsistencia, a uma pensão na ra-

ção de 8 por cento do capital acumulado nessa data.

Artigo 32.º—O socio pensionista que durante sua vida não utilizar da pensão, terá direito a lega-la a pessoa ou pessoas de sua familia que, independente do sexo, estejam na linha ascendente ou descendente do seu parentesco.

§ Unico.—Para este effeito basta tão somente que ele declare por escrito na cooperativa, a pessoa ou pessoas a quem considera seus herdeiros, os quais por sua vez provarão a respectivo parentesco.

Artigo 33.º—Os herdeiros do socio pensionista falecido antes de ter atingido o direito de pensão, podem liquidar o capital acumulado pelo legatario, recebendo porém em liquidação todo este, descontado 10 por cento da sua totalidade.

Artigo 34.º—Podem ser socios pensionistas os meoures com autorisação provada de seus pais, e as mulheres casadas igualmente com autorisação de seus maridos.

Artigo 35.º—30 por cento do capital acumulado pelo socio falecido sem herdeiros, reverterá para o fundo de reserva da cooperativa e o resto para o fundo de pensões.

Artigo 36.º—Quando o pensionista a favor de quem for declarada a pensão, falecer antes de começar a goza-la, reverterá esta para os seus fillos em partes iguais irre-

versiveis, que calcularão successivamente conforme atingam a maior idade.

§ Unico.—Se qualquer dos individuos de que trata este artigo, for fisicamente inapto ou anormal, ser-lhe-ha mantida enquanto vivo, a pensão ou parte a que tiver direito.

Artigo 37.º—Perderem o direito á pensão os pensionistas do sexo masculino que atingam maior idade; e os do sexo feminino, quando por mudança de estado, se provar que tem meios de subsistencia.

Artigo 38.º—As pensões não são transmissiveis depois da morte do socio e cessam com o falecimento do pensionista, salvo o disposto no artigo 36.º o seu paragrafo.

Artigo 39.º—No caso de qualquer pensão não ser reclamada depois de seis meses, reverterá a sua importancia a favor do fundo de pensões na proporção indicada no artigo 35.º.

Artigo 40.º—A pensão começará a contar-se para o effeito do seu pagamento, desde o primeiro dia do mez em que o socio falecer.

CAPITULO VII

Lucros

Artigo 41.º—No final do ano Civil proceder-se-ha ao balanço do activo e passivo, devendo as operações referir-se ao ultimo dia do ano anterior, e os inventarios formulados pelos preços de compra ou pelo valor

da ocasião, caso se hajam depreciado ou tenha havido baixa sensivel no mercado.

Artigo 42.º—Os lucros ou encargos não referidos ou registados no balanço, serão levadas á conta de ganhos e perdas.

Artigo 43.º—Os liquidos da cooperativa são constituidos pelo saldo da conta de ganhos e perdas, depois de encerrado o balanço, e segundo exacta deliberação da assembleia geral, distribuidos pela maneira seguinte:

20—por cento dos lucros liquidos para o dividendo proporcional ao capital e ao consumo, sendo na proporção de 3 para o capital e 4 para o consumo;

30—por cento para fundo da exploração;

30—por cento para fundo de reserva.

§ Unico.—Quando o dividendo proporcional ao capital de cada socio exceder uma percentagem de 8 por cento sobre este, será o remanescente destinado ao dividendo proporcional ao consumo.

Artigo 44.º—Quando o fundo de reserva exceder o valor da quinta parte do capital social liquidado no fim do ano civil, conforme o disposto no artigo 191.º do Codice Commercial, será convertido em outros valores do maior rendimento para a sociedade, precedendo deliberação da assembleia geral, e só poderá ser levantado quando as circunstancias o exigirem.

Continúa.

C. SANTOS, LIMITADA
Lisboa—Rua Nova do Almada '80--2.
 Telefone—n.º 695 telegramas—Boamenal
OILDAG—SUAS VANTAGENS

A economia produzida pelo emprego constante e metódico de OILDAG, de mistura com óleo, nos motores de automóveis é tão sensível que os mesmos afirmam, sem receio de desmentido, que a economia do óleo atinge, por vezes, 50% de consumo primitivo. Em motores de lubrificação automática embora os fabricantes aconselhem a limpeza do motor depois de um determinado percurso não ha receio de gripagem fazendo-se este trabalho depois de um percurso dobrado ao aconselhado por esses fabricantes. Em motores cuja lubrificação é por barbotage a economia não sendo tão sensível atinge contudo entre 30% e 40%. Todos os resultados obtidos com o OILDAG foram verificados em absoluto ao fim de 1000 a 1500 kilometros, mas é notável o aumento de compressão dentro dos cilindros e menor consumo de gasolina ao fim de 100 kilometros e economia esta que atinge por vezes 15% a 20% de consumo primitivo. Experimentar o OILDAG é usá-lo e a todos os automobilistas se roga no seu proprio interesse, um pedido a titulo de experiencia, que muito gostosamente satisfaremos.

VELAS "REFLEX,"

Estas velas são, pela sua especial fabricação, infalíveis, assegurando um trabalho constante mesmo em motores que, por norma, queimam muito óleo. Elas próprias, e automaticamente se limpam. As velas REFLEX tem por sobre qualquer outra, dobrada existenciação. São, por consequência, 50% mais baratas. Cada 1200

AUTOMOVEIS

MAXWELL O carro de conveniência. O verdadeiro carro utilitário. Para 5 passageiros. Todos com iluminação, buzina e marcha electricas por dinamo.
STUDEBAKER O carro de turismo por excelencia. O rei dos carros americanos. O maximo conforto. Carros com todas as caracteristicas.
Pneus Michelin O melhor Sempre stok
KLAXONS, VULCANISADORES e TUDO QUE POSSA INTERESSAR OS SENHORES AUTOMOBILISTAS
Thermoid—SEMPRE EM STOK

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE **ANTONIO DOS SANTOS CAPELA**
 Ex-empregado da Livraria Popular
 Livros em todos os generos, novos e usados
 Depositario das primeiras casas de Lisboa, Porto e Coimbra
 Faz as mesmas condições de venda que as proprias casas Editoras
LIVROS DE ENSINO
 INSTRUÇÃO PRIMARIA
 Todos os livros proprio pelos preços de Lisboa
 Instrução secundaria Escolas normaes e licenças
 Deposito de todas as publicações para os alunos destes cursos
 Pedir o catalogo dos livros oficialmente aprovados que é remittido gratuitamente
Literatura, poesia, teatro e sociologia
 Todas as obras completas de Camões, Bocage, Garrett, Herculano, Castilho, Fialho da Silva, Camilo Castelo Branco, Abel Botelho, Gomes de Amorim, Pinheiro Chagas, Sena Eireas, Fialho de Almeida, Gomes Leal, Oliveira Martins, Manuel de Arriaga, Teófilo Braga, D. João da Camara, Campos Júnior, João Chagas, Julio Dantas, Malheiro Dias, Julio Diniz, Candido de Azevedo, Faustino de Fonseca, Alfredo Galis, Guerra Junqueiro, Alfredo Keil, Augusto de Lacerda, Lopes de Mendonça, Marcelino Mesquita, Conde de Arno, Conde de Monsanto, Mario Monteiro, Ramalho Ortigão, Bulhão Pato, Eça de Queiroz, Antero de Quental e Padre Antonio Vieira.
 Edições completas dos escritores algarvios João Lucio e Ataíde de Oliveira e dos escritores estrangeiros Victor Hugo, Pierre Loti, Emilio Zola, Conan Doyle, Alexandre Dumas, Flamarion, La Fontaine, Maximo Gorki, Blasco Ibanez, Paulo de Kock, Kropotkin, Lamartine, Larousse, Sienkiewicz, Polstoi e Julio Verne.
 Agente geral no Algarve das publicações da **RENASCENÇA PORTUGUESA**

Figurinos, jornaes de modas e recortes

TODAS AS EDIÇÕES NAC ONAES E ESTRANGEIRAS
 Assinaturas para todos os jornaes e romances nacionaes e estrangeiros
Aviso importante
 Qualquer requisição dirigida a esta livraria será rapidamente atendida. Todas as pessoas que desejarem algum artigo desta casa, devem mandar a sua importância em vale de correio. Se não houver a casa os livros que requisitarem, pedem-se immediatamente aos editores.
ALUGUER DE LIVROS
 Todos os aluguadores deixam em deposito a importância do livro alugado. Quando o restituírem, deixarão 20 por cento, e receberão o restante da importância que depositaram.
 Façam todos os pedidos ao livreiro **ANTONIO DOS SANTOS CAPELA**
Livraria das Novidades
 Rua da Marinha, 15
FARO
 Franco de porte

A BRAZILEIRA
 DE **JAYME A. BUZAGLO**
 Especialidade em café, leite, bolos
 Bebidas nacionaes e estrangeiras etc. etc.
 RUA DE SANTO ANTONIO, N.º 10, 12 e 14
FARO

Recebem-se estudantes.
 Optimo alojamento com luz propria, excelente mesa.
 Preços módicos
 Rua Manuel de Arriaga n.º 19
 (em frente do Liceu)
FARO

"A ELEGANTE,"
RODOLFO SILVA
Loulé
 O estabelecimento cujo sortido primoroso das mais chics novidades se impõe a todas as pessoas de bom gosto.
 Na volta do correio serão executados todos os pedidos que da rovincia sejam endereçados a **Rodolfo Silva—Loulé**

Cooperativa
"a Previdente,"
 Nesta Cooperativa compram-se 2 potes de tolha que comportem 50 a 60 alqueires.

NOVIDADES LITERARIAS
 Acabam de aparecer:
Recordações e Viagens
 —2.ª edição, revista, por Antero de Figueiredo. Um volume broch. 80, encadernado 120.
Minha Terra
 —Leção de cantigas.—No Meu quintal—poemetes por Antonio Corrêa de Oliveira.

Historia de Portugal
 por **A. Herculano**
 Setima edição definitiva e illustrada, em 8 volumes
 Dirigida por **David Lopes**
 Safram os volumes I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII
 Preço do volume avulso, v.º. \$80
 Assinatura da obra completa \$500

RAMALHO ORTIGÃO
"Pela Terra Alheia," Notas de viagem—Tomo II.50 cent.

ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA
"A Minha Terra," Auto de Junho 2.ª edição.30 cent.

"A Minha Terra,"—VII.—Os namorados—Poemio de Antonio Corrêa de Oliveira—Desenho de Antonio Carneiro.
"Literatura contemporanea," Antero de Figueiredo—por Fidalgo de Figueiredo.—1 vol. 20 cent.

Formulário ortográfico—conforme o plano de regularização e simplificação da escrita portugueza, extracto do Vocabulário ortográfico e remissivo de A. R. Gonçalves Viana—5 cent.
73, Rua Garrett, 75 LISBOA
Livraria Bertrand

CASAS
 Vendem-se, bom rendimento.
 L. Pé da Cruz, tratar Cunha, Procurador.

FABRICA INDUSTRIAL 1.º DE MARÇO
SERRALHARIA MECANICA E CIVIL
FUNDAÇÃO DE FERRO E BRONZE
 DE **MANOEL CARVALHO**
RUA COCENATE O. BENEPIQUE, 180
FARO
Construção de poços Artesianos—Vendem-se materinas para as mesmas
 Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis. Constroem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição. Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas. Ninguem deixe de comprar nesta casa, visto que em parte alguma do paiz se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.
PREÇOS SEM COMPETENCIA
 Ninguem compre sem primeiro visitar esta importante fabrica

Instrução Secundaria e Profissional
 Livros escolares do professor **DR. RIBEIRO NOBRE**
Traçado de Química Elemental (8.ª Edição). Um volume de 400 páginas no formato 22x15cm com 122 gravuras. (PREÇO:—1350)
 Obra: util e recomendada a todos os que desejam instruir-se nesta ciencia: as theorias químicas são metódicamente tratadas em separado com a máxima clareza e bastante desenvolvimento; a parte descriptiva é rica na indicação de experiencias atraentes e preparações de verdadeiro interesse na vida prática; e os problemas fundamentados da química elemental estão cuidadosamente tratados em secção especial acompanhados de modelos literarios e exemplificações americanas da disposição dos cálculos. Este compendio contém as materias das programmas officias para o ensino da química em todos os institutos de instrução secundaria e profissional, e foi adoptada em seguida a sua primeira publicação em quasi todos os liceus e seminários, no Instituto Industrial e Commercial do Porto, e em diversas escolas normaes, industriais, commerciaes e agricolas, continuando a ser o compendio preferido por distintos professores.
Lições de Física de curso geral dos liceus e escolas normaes (13.ª Edição). Um volume de 396 páginas no formato 22x15cm com 402 gravuras. PREÇO:—1340
 Este compendio dividida pedagogicamente em pequenas lições, foi preferido por unanimidade pela Commissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentados no concurso de 1895, e seguidamente mandado adoptar em todos os liceus ao Decreto de 17 de novembro publicado no *Diário do Governo* n.º 261 de mesmo anno. Foi novamente escolhida para o ensino de curso geral dos liceus pela Commissão official do concurso de 1909 (*D. do G.* n.º 192), e revellida a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Esta edição está inteiramente actualizada e revisada geral de tudo da Física, as theorias de harmonia com as instrucções que acompanham os programmas de curso complementar, e os principios e applicações das materias novas mencionadas nos programmas de 6.ª e 7.ª classes, contém as materias das classes anteriores, e termina com uma desenvollida e metódica colligação de 277 problemas numericos abrangendo todos os assuntos da Física acompanhados de applicação dos principios, doutrinas do texto, que conferem a das fórmulas empregadas na sua resolução.

Traçado de Física Elemental (11.ª Edição). Um volume de 140 páginas no formato 22x15cm com 75 gravuras. PREÇO:—2200
 Este excelente livro de Física foi preferido por unanimidade pela Commissão nomeada pelo Governo para o exame dos livros destinados ao ensino secundario apresentados no concurso geral de 1895, e seguidamente mandado adoptar em todos os liceus por Decreto de 26 de setembro, publicado no *Diário do Governo* n.º 218 do mesmo anno. Foi novamente o unico livro proposto para o ensino liceal complementar pela Commissão official do concurso de 1909 (*D. do G.* n.º 192) e revellida a sua aprovação em 1912 pela Portaria de 23 de julho. Esta edição está inteiramente actualizada e revisada geral de tudo da Física, as theorias de harmonia com as instrucções que acompanham os programmas de curso complementar, e os principios e applicações das materias novas mencionadas nos programmas de 6.ª e 7.ª classes, contém as materias das classes anteriores, e termina com uma desenvollida e metódica colligação de 277 problemas numericos abrangendo todos os assuntos da Física acompanhados de applicação dos principios, doutrinas do texto, que conferem a das fórmulas empregadas na sua resolução.

LIVROS
 Publicaram-se os tomos 64 e 65 da **HISTORIA UNIVERSAL** de Oncken, o mais completo e científico repertorio da historia da humanidade.
 Dirigir pedidos para assinatura a **AILLAUD, ALVES & C.**—Livraria Aillaud e Bertrand, Rua Garrett, 73 e 75—LISBOA.

JOÃO PEDRO DE SOUSA
ADVOGADO
 Morada—Avenida Amiralante
 Reis, 92, D.
LISBOA

Carvão de Pedra
 Para forja e para maquinas.
 Vende-se. Quem pretender dirija-se a **Pedro Carlos Lopes Martins**
 R. do Prior 41—A 49
FARO

ALMANACH BERTRAND
PARA 1917
 Está a venda este bem redigido Almanach, um dos mais apreciados de Portugal, com o seguinte conteúdo:
 Brochado 50 cent.
 Cartão 60 cent.
 Marroquim 1.00
Livraria Bertrand
73, Rua Garrett, 75 Lisboa

"O Heraldo,"
 Semanario Republicano Democrático, recebe e publica e agradece todas as informações de interesse geral.